Revista da ANPEGE. v. 17. nº. 32, p. 155-156, ANO 2021. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege.

SEÇÃO TEMÁTICA - A Geografia feministas

Joseli Maria Silva | Maria das Graças Silva Nacimento Silva [1]

EDITORIAL

É com imensa alegria que oferecemos para a comunidade geográfica brasileira um dossiê intitulado 'Geografias feministas', composto por quatorze artigos científicos que abordam variados temas, mas que possuem em comum a consideração do gênero como conceito de análise geográfica.

A ciência se faz no exercício do debate e incorporar abordagens pouco usuais em determinado campo epistemológico é um desafio que enfrentamos com a publicação deste dossiê na Revista da ANPEGE, um dos veículos mais importantes da geografia por pertencer a uma entidade que reúne os cursos de pós-graduação do Brasil. Este conjunto de artigos publicados neste volume é um marco histórico de um movimento epistêmico da ciência geográfica brasileira que deve ser comemorado, dado o contexto de crescimento do conservadorismo nos últimos anos em nosso país. Além disso, esta publicação é um registro da memória de um campo científico que se torna mais acolhedor à diversidade de abordagens que, no passado recente, eram consideradas não geográficas por não estarem alinhadas às concepções hegemônicas.

Nesse sentido, consideramos que este volume é simultaneamente um avanço científico na geografia e luta política contra as desigualdades sociais que marcam a tradição do fazer científico da comunidade geográfica brasileira há várias décadas. Os dois primeiros artigos dessa coleção de textos exploram as lutas femininas pelo espaço. Enquanto o artigo de Verónica García-Ibarra traz a atuação das mulheres na luta pela água na cidade de Tecámac, no Estado do México, enfrentando os grandes agentes capitalistas, o artigo de Helena Rizzatti aborda a constituição da visibilidade das mulheres na luta pela cidade. Ambos manuscritos mostram que as organizações políticas das mulheres em torno da manutenção da vida, muitas vezes invisibilizadas, são importantes elementos da produção do espaço geográfico.

Os artigos de Talita Fernandes e Cláudia Luísa Zeferino Pires sob o título 'Rua, corporeidades e multipli-cidades: experiências de mulheres em situação de rua na cidade de Pelotas – RS', bem como o texto de Anita Loureiro de Oliveira denominado 'Corpo, espacialidade e maternagem: trilhas para uma geografia corporificada', argumentam a necessidade de trazer o corpo na análise geográfica, sustentando a ideia de que as experiências espaciais encarnadas implicam diferentes interpretações do espaço.

A produção científica feminina e as relações de poder na construção da geografia é tema abordado pelos artigos de Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Joseli Maria Silva e de Paula Lindo. Enquanto Tamires e Joseli discutem como o gênero é um elemento fundamental na construção da autoridade e prestígio científico masculinos, o estudo de Paula produz a visibilidade da resistência de mulheres que produzem as geografias feministas no Brasil.

A pandemia COVID-19 e seu impacto na vida das mulheres foi tópico central para os dois artigos seguintes. Tanto o artigo de Lorena Francisco de Souza e Luiza Helena Barreira Machado, como o de Carmem Lúcia Costa, denunciam a falsa dicotomia entre o espaço doméstico e o do trabalho remunerado, mostrando as desigualdades na distribuição das tarefas de reprodução social entre homens e mulheres, agravadas em tempos de crise sanitária.

Gleys Ially Ramos com seu artigo 'O lugar político das mulheres: feminismo, possibilidades e contribuições da geografia' e Bruna Lúcia dos Santos com o manuscrito 'A práxis coletiva do feminismo negro na luta pelo direito à cidade' trazem o conceito de interseccionalidade como central na luta política das mulheres. A diversidade de mulheres e suas relações espaciais só podem ser compreendidas pela consideração de suas posições nos cruzamentos de vários elementos identitários constituidores das suas vivências concretas como classe, raça e gênero.

A violência contra as mulheres foi o cerne dos dois artigos seguintes. O artigo de Maria Júlia Rosseto analisa a lógica espacial urbana masculina na distribuição dos serviços públicos de proteção às mulheres e o aumento da vulnerabilidade feminina, notadamente daquelas que habitam as áreas de periferia em Campinas-SP. O estudo de Hellen Virgínia da Silva Alves, Maria Madalena Lemes Mendes Moreira e Maria das Graças Silva Nascimento Silva explora a violência sofrida por mulheres em situação de encarceramento e suas trajetórias de vida marcadas por negligência infantil e relacionamentos afetivos abusivos. O espaço prisional vivenciado pelas mulheres encarceradas é marcado por uma série de violências institucionais e marca também sua condição de egressa do sistema penal.

Os dois últimos textos tratam de temas pouco explorados pelas geografias feministas, a relação entre gênero e sexualidades, bem como a construção das masculinidades. O artigo de Cláudia Maliszewski Escouto e Ivaine Maria Tonini discute o papel do espaço escolar como um importante elemento que invisibiliza o sofrimento das pessoas em torno das identidades de gênero e da diversidade sexual, agravado pelo avanço dos conservadores aos postos de mando da política brasileira. Outra rara abordagem sobre a produção das masculinidades foi escrita por Heder Leando Rocha e Diana Lan em que discutem as experiências cotidianas de adolescentes moradores das periferias pobres da Grande Buenos Aires e o tráfico de drogas.

Este dossiê é um imenso passo para a constituição de uma geografia humana brasileira rica e plural do ponto de vista teórico, metodológico e social, cuja produção foi amplamente apoiada por Manoel Martins de Santana Filho e Maria Franco, responsáveis pela editoria da Revista da ANPEGE nas últimas gestões a quem devemos nossos mais profundos agradecimentos. Desejamos ao público uma proveitosa leitura e que ela inspire novos e promissores caminhos no desenvolvimento das geografias feministas no Brasil.